

INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE – MEU MUNDO, SEU MUNDO, NOSSO MUNDO

Indigenous university – my world, your world, our world

Universidad indígena - mi mundo, su mundo, nuestro mundo



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Jonas Gomes da Silva¹, Glaucia Mitsuko Ataka da Rocha²

¹Graduando em Psicologia, Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, Brasil.

²Psicologia. Doutora em Psicologia, docente da Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, Brasil.

*Correspondência: e-mail gmarocha@gmail.com.

Artigo recebido em 28/06/2021 aprovado em 29/10/2021 publicado em 03/11/2021.

RESUMO

A presença de indígenas no ensino superior tem o início de sua história no começo da década de 90 no Brasil e pode ser considerada, ainda, um grande desafio a ser enfrentado. O objetivo geral desta pesquisa foi levantar problemas e recursos de enfrentamento nos quatro setores da adaptação de um estudante indígena Akwê Xerente, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foi realizada uma entrevista semi-estruturada, fundamentada na Teoria da Adaptação de Ryad Simon, organizada segundo quatro setores da adaptação: Afetivo-Relacional, Produtividade, Sócio-Cultural e Orgânico. A entrevista foi áudio gravada e transcrita. Em seguida foi preparada segundo critérios estabelecidos para aplicação do software IRAMUTEQ. A partir da Análise Hierárquica Descendente (CHD), realizada pelo IRAMUTEQ ao corpus textual, foram identificadas duas grandes classes: a primeira, denominada “Cultura Indígena” e a segunda, “Cultura Universitária”. A segunda, por sua vez, subdividida em “Problemas”: “Deslocamento” e “Distância da família” e “Respostas”: “Buscar apoio” e “Buscar aprender”. Os resultados indicam que há um contexto amplo, a partir do qual a experiência do aluno indígena na universidade acontece: o cultural. É essa perspectiva que possibilita a compreensão de como o indígena se insere na universidade.

Palavras-chave: Educação superior indígena; Políticas afirmativas; Akwê Xerente.

ABSTRACT

The presence of indigenous people in higher education dates back to the beginning of the 1990s in Brazil and can still be considered a major challenge to be faced. The general objective of this research was to raise problems and resources for coping in the four sectors of the adaptation of an indigenous student Akwê Xerente, from the Federal University of Tocantins (FUT). A semi-structured interview was carried out, based on Ryad Simon's Adaptation Theory, organized according to four sectors of adaptation: Affective-Relational, Productivity, Socio-Cultural and Organic. The interview was audio recorded and transcribed. Then it was prepared according to established criteria for the application of the IRAMUTEQ software. From the Descending Hierarchical Analysis (DHA), performed by IRAMUTEQ to the textual corpus, two large classes were identified: the first, called “Indigenous Culture” and the second, “University Culture”. The second, in turn, subdivided into “Problems”: “Displacement” and “Distance from the family” and “Answers”: “Seek support” and “Seek to learn”. The results indicate that there is a broad context from which the indigenous student's experience at the university takes place: the cultural one. It is this perspective that makes it possible to understand how the indigenous are inserted in the university.

Keywords: Indigenous higher education; affirmative policies; Akwê Xerente.

RESUMEN

La presencia de los pueblos indígenas en la educación superior se remonta a principios de la década de 1990 en Brasil y aún puede considerarse un gran desafío por enfrentar. El objetivo general de esta investigación fue plantear problemas y recursos para el afrontamiento en los cuatro sectores de la adaptación de un estudiante indígena Akwẽ Xerente, de la Universidad Federal de Tocantins (UFT). Se realizó una entrevista semiestructurada, basada en la Teoría de Adaptación de Ryad Simon, organizada según cuatro sectores de adaptación: Afectivo-Relacional, Productivo, Sociocultural y Orgánico. La entrevista fue grabada y transcrita en audio. Luego se preparó de acuerdo con los criterios establecidos para la aplicación del software IRAMUTEQ. Desde el Análisis Jerárquico Descendente, realizado por IRAMUTEQ hasta el corpus textual, se identificaron dos grandes clases: la primera, denominada “Cultura Indígena” y la segunda, “Cultura Universitaria”. El segundo, a su vez, se subdivide en “Problemas”: “Desplazamiento” y “Distancia de la familia” y “Respuestas”: “Buscar apoyo” y “Buscar aprender”. Los resultados indican que existe un contexto amplio a partir del cual se desarrolla la experiencia del estudiante indígena en la universidad: el cultural. Es esta perspectiva la que permite comprender cómo se insertan los indígenas en la universidad.

Descriptores: Educación superior indígena; políticas afirmativas; Akwẽ Xerente.

INTRODUÇÃO

A presença de indígenas no ensino superior tem sua história iniciada no começo da década de 90 no Brasil (BERGAMASCHI et al., 2018) e pode ser considerada, ainda, um grande desafio a ser enfrentado (AMARAL et al., 2014; BERGAMASCHI et al., 2018; SOUZA LIMA, 2018). Segundo dados do Censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP, 2019), em 2018, foram realizadas 57.706 matrículas de alunos indígenas em instituições de ensino superior no Brasil e, destas, 15.450 foram em universidades públicas.

No entanto, apenas o ingresso em cursos superiores não garante a permanência desses alunos. Este é um dos aspectos mais desafiadores da atualidade e indica, muitas vezes, um descompasso entre os interesses dos povos indígenas e a lógica acadêmica (BERGAMASCHI et al., 2018). A permanência, por conseguinte, é uma ideia muito mais complexa e diz respeito não apenas às condições materiais para subsistência, mas também à qualidade das experiências dos alunos nos relacionamentos interpessoais – com professores, colegas e funcionários que os atendem (PALADINO, 2012; SOUZA, 2019); ao desempenho acadêmico, em seus diversos aspectos – domínio dos instrumentos e rituais próprios das universidades, por exemplo

(PALADINO, 2012; SILVA; SOARES, 2019); às experiências de interculturalidade e de reconhecimento e aceitação da diversidade por não indígenas (SILVA; SOARES, 2019; SOUZA, 2019).

Essas experiências ocorrem em ambientes marcados por uma estrutura homogeneizada, colonialista, preconceituosa e monocultural presente nas universidades (AMARAL et al., 2014), impregnada por uma visão estereotipada dos indígenas, em representações sociais marcadas pela percepção da diferença cultural e pelo sentimento de indiferença em relação a eles. Pautada, sobretudo, por uma visão neutra – característica da invisibilidade desses povos – pouco informada e com predominância da imagem do indígena exótico, remoto. Ainda que a maior proximidade entre determinado grupo indígena e os não indígenas reduza essa imagem exótica, não interfere no processo de desumanização, como constataram Lima et al. (2016). A permanência de alunos indígenas na universidade pressupõe a existência de um espaço de vivências interétnicas em que os estudantes passam a ter um duplo pertencimento: o pertencimento acadêmico e o pertencimento étnico-comunitário (AMARAL et al., 2014).

Diante deste cenário complexo, pode-se considerar o ingresso do aluno indígena na

universidade como um momento de crise, caracterizada pela ocorrência de uma situação nova, para a qual o indivíduo ainda não tem respostas. A fim de enfrentar essa situação nova, ele faz uso de recursos disponíveis (objetivos e subjetivos), gerando novas respostas e garantindo a manutenção da saúde física e mental, por mínima que seja (SIMON, 1989).

A crise pode ter sido gerada em função do ingresso na universidade, mas seus reflexos abrangem outras áreas vitais, além da produtividade. Se não bem solucionada, a crise no setor da Produtividade pode ter reflexos negativos nos demais setores da vida: Afetivo-Relacional (A-R), Orgânico (Or) e Sociocultural S-C), sendo os setores A-R e Pr considerados os mais importantes para a eficácia da adaptação (SIMON, 1997), no contexto da cultura ocidental. O primeiro setor (A-R) diz respeito às relações intrapessoais e interpessoais, inclui sentimentos, atitudes e ações do sujeito em relação às pessoas e a si mesmo; o segundo (Or), aos sentimentos, atitudes e ações em relação ao próprio corpo, incluindo a sexualidade; o S-C, refere-se aos costumes e valores da cultura em que o entrevistado vive e; o Pr corresponde a qualquer atividade produtiva, independente da sua natureza, seja ela artística, filosófica ou religiosa, de ocupação principal do sujeito durante o período avaliado (SIMON, 1989).

Dependendo dos recursos de que dispõe e da flexibilidade psicológica para utilizá-los e ser criativo, gerando novas respostas, a adaptação geral desse indivíduo variará qualitativamente, tanto em relação aos resultados de desempenho acadêmico quanto à manutenção da saúde, de forma geral. A adaptação é definida, pois, “como sendo o conjunto de respostas de um organismo vivo, em vários momentos, a situações que o modificam, permitindo a manutenção de sua organização (por mínima que seja) compatível com a

vida” (SIMON, 1989, p.14). Destaca-se que, para se avaliar a qualidade da adaptação, é necessário que sejam levantados, por meio de entrevista, os problemas enfrentados pela pessoa e as respostas que ela encontra, com recursos pessoais ou ambientais, para solucioná-los.

Para Bonfim (2011) o arcabouço teórico-técnico proposto por Simon (1989) é aplicável à compreensão da experiência de indígenas pois considera a possibilidade de avaliar sistemas comportamentais complexos, incluindo o universo sociocultural em que vive a pessoa. Isto significa que permite a compreensão de experiências culturais diversas, uma vez que não aplica um conjunto pré-determinado de valores e crenças e, sim, possibilita uma leitura a partir do conjunto de valores e crenças da cultura à qual a pessoa está inserida.

Considerando o grande desafio da inclusão indígena no ensino superior e a dificuldade em entender e intervir nessa situação; e compreendendo o ingresso na universidade como uma situação de crise que mobiliza os recursos adaptativos da pessoa, o objetivo geral deste trabalho foi levantar problemas e respostas nos quatro setores da adaptação de um estudante indígena Akwê Xerente, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Trata-se de um estudo exploratório no qual foi utilizada a entrevista operacionalizada, fundamentada na teoria da Adaptação (SIMON,1989) com o intuito de levantar esses aspectos da experiência do aluno indígena.

MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo exploratório, de caso único. No contexto alinhado à psicologia, pode ser definido como um subtipo de pesquisa de caso único, que possibilita exposição de forma intensiva e profunda de

um ou mais casos individuais (SERRALTA et al., 2011).

Participante

Aluno indígena da etnia Akwē Xerente, adulto, cursando o penúltimo ano de um curso de licenciatura da Universidade Federal do Tocantins. Tem bom conhecimento da língua portuguesa com a qual teve o primeiro contato aos oito anos de idade, quando saiu da aldeia para estudar na cidade. Casado, segundo a cultura Akwē Xerente, possui dois filhos. Mora e estuda no município vizinho em que se encontram as Terras Indígena Xerente e Funil. Sua família – mulher, filhos, pai e mãe - mora em uma das mais de 90 aldeias do povo Akwē Xerente.

Instrumento

Entrevista semi-estruturada, baseada na Teoria da Adaptação proposta por Ryad Simon (1989), aplicada com o objetivo de levantar problemas e recursos de enfrentamento em quatro setores da vida: Afetivo-Relacional (AR), Produtivo (Pr), Orgânico (Or) e Sócio-Cultural (SC) (SIMON, 1989).

Considerações éticas

Este estudo faz parte do Projeto de Pesquisa denominado: Indígenas na Universidade – meu mundo, seu mundo, nosso mundo, aprovado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CONEP) sob número CAEE: 09977119.6.0000.5519.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi gravada em áudio e transcrita conforme as especificações para o uso do IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes e de Questionnaires*) (SOUZA et al., 2018). Por meio do IRAMUTEQ foi

aplicado ao corpus textual o Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (CAMARGO; JUSTO, 2013; SOUZA et al., 2020).

As classes do dendrograma estão divididas em dois grandes grupos. O primeiro deles foi denominado “Cultura indígena”, refere-se ao contexto de vida na aldeia e explicita sua importância para o entrevistado. O segundo, “Cultura universitária” faz referência ao cotidiano acadêmico, com seus problemas e enfrentamentos e está dividida em duas classes, que por sua vez, se subdividem em outras duas, cada uma: “Problemas”, que apresenta a dificuldade de “Deslocamento” aldeia-universidade e a “Separação da família” e “Respostas”, que apresenta recursos utilizados no enfrentamento dos problemas encontrados – “Buscar apoio” ou busca ativa de pessoas e conhecimento e “Buscar aprender”, de conhecer as normas e valores da universidade. Foi atribuído um nome fictício ao entrevistado com o objetivo de melhorar a fluidez da escrita e da leitura.

Cultura indígena e Cultura universitária – dois mundos dissociados

Cultura Indígena

Quando a gente chega aqui, a gente já chega meio excluído, a gente não exclui, mas a forma como as pessoas olham, assim, a gente já sente que é excluído (Pedro – nome fictício).

No começo a gente tem um choque de cultura, imagine você sair do lugar que você está acostumado, imagine você sair do nosso país pra outro país, você vai ter que se adaptar às novas normas de lá, as leis. Aí eu comparo isso, a minha saída da aldeia para a universidade, que a universidade é bem rígida, os trabalhos têm que estar tudo nas normas e a gente não tem conhecimento disso no ensino médio. Praticamente não trabalho seminários, essas coisas na aldeia também, aí dificulta (Pedro).

A narrativa presente na entrevista pode ser entendida a partir desses dois grandes temas que se

sobressaem e parecem se contrapor, evidenciando dois mundos com sistemas de valores e normas distintos, entre os quais os alunos indígenas transitam. Essa grande ramificação salienta o setor S-C (SIMON, 1997). A peculiaridade do aluno indígena, como sugerem as duas classes identificadas, é a inserção em um mundo novo - ‘imagine você sair do nosso país pra outro país’ – sem deixar de viver também em sua cultura de origem.

Cultura indígena e cultura universitária ainda se apresentam como dois mundos distintos, que não se integram de modo ideal, dois mundos com regramentos diferentes e que necessitam ser explicados um para o outro. Levar expressões da cultura indígena para os espaços urbanos e para dentro do ambiente universitário é visto ainda como algo exótico, como espetáculo, o que reforça a ideia de os indígenas habitarem outro mundo, das fantasias, da preguiça, da animalidade em um processo que os desumaniza (LIMA et al., 2016).

Essa grande ramificação indica que a universidade – aqui entendida em seus aspectos normativos e interpessoais e, a partir do olhar do entrevistado, precisa respeitar e compreender as especificidades da cultura indígena e respeitar o duplo pertencimento do aluno indígena (AMARAL et al., 2014).

Cultura universitária – conflitos entre os dois mundos

A vida universitária, portanto, não deixa de evidenciar os conflitos que podem surgir no contato interétnico. O mundo da universidade - não indígena - conformado como uma estrutura homogeneizada, colonialista, preconceituosa e monocultural (AMARAL et al., 2014), apresenta-se, portanto, como outro mundo a ser enfrentado.

Na CHD, a classe mais ampla “Cultura universitária” subdivide-se em duas grandes classes. A primeira classe, foi denominada ‘Problemas’ e a segunda, denominada ‘Respostas’.

Problemas

Deslocamento

Aí você vem todo preparado e, às vezes, fura o pneu da moto e, às vezes, chega atrasado pra aula ou, às vezes, não chega (...) a universidade não leva isso em consideração (...) se a gente for falar: furou o pneu. Vai tirar a falta. Não vai tirar (Pedro).

O primeiro problema apresenta conteúdo relacionado ao Setor da Produtividade (SIMON, 1989), uma vez que os problemas de deslocamento são descritos em relação à presença nas aulas e ao impacto que têm sobre o desempenho final dos alunos.

Diz respeito a uma experiência comum aos demais alunos indígenas, principalmente daqueles que residem nas aldeias. Segundo Bergamaschi et al., (2018) a frequência exigida nas universidades constitui-se como um paradoxo para os alunos indígenas, uma vez que, inserir-se no modo de tempo do ensino superior implica renunciar à forma como vivenciam o tempo segundo sua cultura originária, e negar o tempo da universidade resulta na impossibilidade de acompanhar o curso.

Distância da família

(...) comecei a ter problema com a minha mulher a gente discutia, “você não tem tempo pra gente”, “você tá focando muito na universidade”. No primeiro período eu tinha aula de segunda a sábado, meio dia, e o único dia que eu podia ir pra aldeia era sábado à tarde, quando dava, porque tinha atividade, trabalhos em grupo que eu não podia faltar senão ficava ruim. Aí, quando eu ia ficava, só o domingo, e já voltava segunda, logo na segunda pra cá. (Pedro).

A tensão gerada pela transição entre esses dois espaços, esse duplo pertencimento aldeia-

universidade é primordial para entender a dinâmica da vida do acadêmico indígena no que diz respeito ao setor Afetivo-Relacional. Bergamaschi et al. (2013), no Relatório da Comissão de Acesso e Permanência do Estudante Indígena (2008-2011) referem aos casos de dois indígenas aprovados no vestibular para Pedagogia (2008) e Enfermagem (2010), que abandonaram os cursos logo no início, pois não se acostumaram a viver longe dos filhos e das esposas.

Respostas

Então eu sempre falo assim pra mim mesmo né... aonde eu for eu vou respeitar aquele ambiente e me adaptar naquele ambiente do jeito que o povo daquele lugar vive, da forma que eles encaram as coisas. Aí eu tive isso pra mim: eu sou índio, saí da aldeia tá, tudo bem, mas eu estou num ambiente que não é mais a aldeia, então eu tenho que entender as regras de lá, as normas tudo e me adaptar, tentar... um índio que está fora de seu ambiente natural lá, um novo ambiente lá, mas vai respeitar e viver as mesmas regras e mostrar que é capaz do mesmo jeito também (...) (Pedro).

As estratégias de enfrentamento dos problemas aparecem na classe denominada 'Respostas', subdividida em outras duas, cujo conteúdo refere-se aos setores Afetivo-Relacional e da Produtividade. A primeira, 'Buscar apoio', trata de conseguir o suporte de outros colegas indígenas para a realização das atividades acadêmicas e a segunda, 'Buscar aprender', trata de aprender sobre como funciona o mundo acadêmico. São classes caracterizadas por verbos que indicam a postura ativa de Pedro nesse ambiente novo.

Buscar apoio

Foi isso também, entrei com meu colega Akwē. A gente sempre fazia as coisas juntos, não desgrudava um do outro (...) a gente procura se ajudar e eu, por ter vivido essa experiência ruim, eu procurei, de certa forma, tentar ajudar os meus colegas (Pedro).

"Buscar apoio" compreende respostas no processo de adaptação, para o qual Pedro utiliza recursos do setor Afetivo-Relacional, obtidos em experiências passadas, para o enfrentamento das experiências atuais. A estratégia adotada teve resultados positivos, pois pode, posteriormente, tornar-se monitor de outros estudantes indígenas e auxiliá-los nesse processo desde o ingresso, compartilhando suas experiências e aprendizados. Além disso, pretende tornar-se professor e trabalhar em escola em que haja alunos indígenas.

A professora também teve outros meios de fazer com que eu me adaptasse também naquele ambiente lá e, em menos de três meses, eu aprendi a ler e escrever e a escola tinha um projeto também chamado Aceleração, que eles me colocaram nesse projeto, aí eu consegui recuperar os anos que eu tinha perdido na outra escola (Pedro). (Experiência no Ensino Fundamental).

O setor Afetivo-Relacional é considerado central no processo adaptativo (SIMON, 1997; PEIXOTO; YOSHIDA, 2017) e a sua relevância foi claramente identificada nessa classe. É importante destacar que, da experiência de relacionamentos interpessoais em ambiente escolar, o aluno trazia uma experiência positiva, de superação das dificuldades iniciais, com uma professora do ensino fundamental. Esse tipo de experiência pode ser caracterizado como uma Experiência Emocional Corretiva (YOSHIDA; ENÉAS, 2013).

Buscar aprender

(...) o mais importante do ser humano ao frequentar o ambiente em qualquer lugar é primeiramente conhecer os seus direitos e os seus deveres também, é o que eu busquei conhecer. (...) O curso de (...) quando eu entrei busquei entender a forma como ele trabalha e tudo, os conteúdos que ele trabalha, e pensando mais a fundo, eu gostei muito da área (...). Então eu vim pra cá pra adquirir conhecimento né, mas para fortalecer a minha cultura. O meu pensamento é esse. (Pedro).

Hoje eu sei falar o português, consigo digitar, me expressar normalmente, por que eu não consigo vencer essa batalha aqui na universidade? (Pedro).

Nesta classe, recursos do setor Pr são utilizados para o processo de adaptação. O aluno buscar estudar, conhecer as normas da universidade, analisar o que se ensina e o que se aprende em relação às necessidades de seu povo. Fica claro o entendimento que Pedro tem de que o estudo em universidade é um fato político, corroborando os apontamentos feitos por Bergamaschi et al. (2018).

O setor da produtividade o segundo setor mais importante na eficácia adaptativa (SIMON, 1997; PEIXOTO; YOSHIDA, 2017) e os recursos de enfrentamento utilizados são alguns aqueles que o ambiente universitário valoriza – busca e transmissão do conhecimento. Há um entendimento prévio, por parte de Pedro, de que os regramentos universitários são muito diferentes daqueles dos Akwê Xerente e que ele necessitava ser ativo no sentido de conhecer as especificidades do mundo universitário e adaptar-se melhor a ele.

CONCLUSÃO

Um ponto considerado importante foi a coerência encontrada entre os resultados da CHD e a leitura a partir dos quatro setores da vida, segundo a Teoria da Adaptação. Destaca-se, quanto a este ponto, a característica emblemática do aluno entrevistado no que diz respeito à própria ideia de adaptação. Seu percurso ilustra, didaticamente, postura e ações diante do novo a ser enfrentado, como se esperaria em um processo de adaptação eficaz.

Foram levantadas duas grandes classes principais – os dois mundos – indígena e universitário, duas culturas diferentes, que ainda são pouco

conhecidas uma da outra, ambas caracterizadas por conteúdo do setor Sócio-Cultural. E foram identificados problemas e recursos de enfrentamento, nos setores A-R e Pr. Quanto ao setor Orgânico, a análise informatizada não detectou elementos suficientes para que se apresentasse uma classe específica e necessita ser investigado em amostra maior.

Os resultados sugerem que, ao receber um aluno indígena, a universidade considere-o imerso nesses dois mundos, muitas vezes conflitantes. Compreendida essa experiência cultural, é possível identificar problemas enfrentados pelo aluno e chegar a uma compreensão da experiência individual e subjetiva neste contexto, conforme sugeriu Bonfim (2011).

Uma limitação desse trabalho é o fato de ser um estudo de caso e, portanto, de não ser possível generalizar os resultados encontrados. Portanto, são necessárias novas pesquisas com amostras maiores, a fim de se pensar na experiência de alunos indígenas Akwê Xerente na UFT.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil, ao qual agradecemos o importante trabalho de fomentar a pesquisa no Brasil.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, W.R.; RODRIGUES, M.A.; BILAR, J.A.B. Os circuitos de trabalho indígena: possibilidades e desafios para acadêmicos e profissionais Kaingang na gestão das políticas públicas. Dossiê – Estudos sobre as sociedades Jê

(Kaingang e Xokleng) no sul do Brasil. **Mediações**, v.19, n.2, p. 129-145, 2014.

BONFIM, T.E. Avaliação psicológica e saúde mental: aplicação da psicologia clínica em comunidades indígenas. **Psicologia Informação**, v.15, n.15, p.155-168, 2011.

BERGAMASCHI, M.A.; DOEBBER, M.B.; BRITO, P.O. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, v. 99, n. 251, p. 37-53, 2018. DOI 10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3337

BERGAMASCHI, M.A.; NABARRO, E.; BENITES, A. **Estudantes indígenas no Ensino Superior** – uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2013. 200p.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513–518, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística Educação Superior 2018**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>.

LIMA, M.E.O.; FARO, A.; SANTOS, M.R. A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 32, n. 1, p. 219-228, 2016. DOI: 10.1590/0102-37722016012053219228

PALADINO, M. Algumas notas para a discussão sobre a situação de acesso e permanência dos povos indígenas na educação superior. **Praxis Educativa (Brasil)**, vol. 7, pp. 175-195, 2012.

PEIXOTO, E.M.; YOSHIDA, E.M.P. Escala de Eficácia Adaptativa: evidências de validade com base na estrutura interna e normas interpretativas. **Estud. psicol. (Campinas)**, v. 34, n. 2, p. 233-247, 2017. DOI: 10.1590/1982-02752017000200005.

SERRALTA, F.B.; NUNES, M.L.T.; EIZIRIK, C.L. Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. **Estud. psicol. (Campinas)**, v. 28, n. 4, p. 501-510, 2011. DOI 10.1590/S0103-166X2011000400010.

SILVA, G.P.; SOARES, E.P.M. Acesso e permanência de alunos indígenas na universidade

federal do sul e sudeste do Pará: o que pensam os beneficiários sobre essas políticas. **Agenda Social**, v.12, n.1, 2019.

SIMON, R. **Psicologia clínica preventiva**. Novos fundamentos. São Paulo: E.P.U, 1989. 151p.

SIMON, R. Proposta de redefinição da E.D.A.O. (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada). **Boletim de Psicologia**, 47(107), 85-93,1997.

SOUZA, C.G.S. Ingresso e permanência de estudantes indígenas na universidade: desafios para uma agenda epistemológica em construção. **Cadernos de Campo**, vol. 28, n.2, 2019. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p67-85.

SOUZA LIMA, A.C. Ações afirmativas no ensino superior e povos indígenas no Brasil: uma trajetória de trabalho. **Horiz. Antropol.**, ano 24, n.50, p. 377-448. 2018. DOI 10.1590/S0104-71832018000100013

SOUZA, M.A.R.; WALL, M.L.; THULER, A.C.M.C.; LOWEN, I.M.V.; PERES, A.M. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Rev. esc. enferm. USP**, v. 52, e03353, 2018. DOI 10.1590/s1980-220x2017015003353.

SOUZA, Y.S.O.; GONDIM, S.M.G.; CARIAS, I.A.; BATISTA, J.S.; MACHADO, K.C.M. O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. **Pesquisa e Práticas Psicossociais**, v.15, n.2, p. 1-19, 2020.

YOSHIDA, E.M.P.; ENÉAS, M.L.E. **Psicoterapias breves psicodinâmicas** – propostas atuais. Campinas: Alínea, 2013. 320